



Festa organizada pelos pesquisadores da aldeia Mariry para incentivar os mais jovens a aprender os cantos e motivos rituais que só os mais velhos conhecem

Saberes Wajãpi

**Formação de pesquisadores
e valorização de registros etnográficos indígenas**

Sumário

1. O contexto do projeto *Saberes Wajãpi*

2. A iniciativa do projeto e seus antecedentes

3. Objetivos específicos e procedimentos metodológicos

Produção (levantamentos, pesquisas e registros de saberes locais)

Elaboração (organização e sistematização dos registros)

Avaliação (balanço, avaliação e planejamento para a continuidade)

4. Desafios metodológicos, para uma política de pesquisa voltada à transformação social

1º Desafio: capacitação técnica ou engajamento comunitário?

2º Desafio: a documentação de tradições, um meio ou um fim?

5. Processo e desafios na construção de um saber “coletivo”

6. Conhecimentos e saberes específicos resultantes do projeto

7. Utilização e difusão dos resultados das pesquisas realizadas pelos jovens wajãpi

8. Documentos consultados

1. O contexto do projeto *Saberes Wajãpi*

Como em todos os continentes, os povos indígenas brasileiros continuam sofrendo intensa discriminação por parte dos mais diferentes setores das sociedades nacionais, com impactos agravados por se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. No Brasil, são cerca de 220 povos diferentes, falando mais de 180 línguas distintas. Mas, no total, constituem menos de 1% da população do país. Paralelamente à essa extrema diversidade, a principal característica da população indígena brasileira é sua pequena escala: a metade desses grupos tem uma população de menos de 500 indivíduos e apenas 5 grupos possuem uma população de mais de 10 mil pessoas.

Além desse perfil demográfico, é preciso ainda mencionar uma característica importante no estatuto dos índios no Brasil, que são “tutelados” pelo estado. Embora veementemente contestada pelo movimento indígena organizado e amenizada pelo apoio de muitas instituições – em particular ONGs – à afirmação política dos grupos indígenas, a tutela ainda é a figura central das representações que a população nacional constrói sobre os que são supostamente “os nossos índios”. Essa categoria genérica sinaliza idéias de atraso, de simplicidade e pobreza intelectual, enraizadas não apenas no público em geral, mas nas próprias políticas públicas desenvolvidas por órgãos governamentais federais e estaduais, que encontram imensas dificuldades em assumir o respeito à diversidade cultural como um parâmetro de planejamento e ação. O desconhecimento das histórias e dos processos contemporâneos de afirmação política e cultural dos grupos indígenas são generalizadas tanto nos grandes centros urbanos como nas regiões mais distantes, especialmente nas zonas rurais vizinhas de terras indígenas.

Mas é também internamente às suas comunidades que ocorrem tensões decorrentes da discriminação a que são submetidos. Esse é o principal desafio que se coloca atualmente aos Wajãpi, na medida em que a jovem geração vêm questionando os valores e os saberes dos mais velhos, evitando inclusive exibir marcas materiais de sua indianidade – como, por exemplo, a pintura corporal – para não enfrentar os preconceitos arraigados na população não-indígena com a qual mantêm contato cada vez mais intenso.

Nós Wajãpi enfrentamos muitos problemas com preconceitos. Muitos não-índios que trabalham nas nossas aldeias não entendem e não respeitam o nosso modo de vida: organização social, jeito de ocupar a terra, jeito de casar, jeito de curar as

doenças, jeito de fazer resguardo, jeito de se pintar, jeito de comer, etc. Outro problema é que alguns jovens não se interessam pelos nossos conhecimentos e nossas práticas. Alguns de nossos saberes estão se perdendo. Por isso, nós, os 20 pesquisadores escolhidos pelos chefes, vamos pesquisar mais esses saberes, para trazer de volta e usar (novembro 2007) (¹).

Atualmente os jovens gostam mais de coisas dos não-índios, esse conhecimento que nós temos eles falam que é passado. Por isso nosso conhecimento está começando a se modificar (Makaratu – julho 2006).

Preocupados com essa atitude freqüente entre os adolescentes, alguns chefes de aldeias e os professores bilíngües procuram alternativas para valorizar, nas próprias aldeias, os conhecimentos que os jovens colocam em dúvida. É o que os líderes do Apina explicaram ao Ministro da Cultura e à platéia da cerimônia de entrega do título que a UNESCO lhes conferiu, em 2003, pelo Plano de Salvaguarda de suas Expressões orais e gráficas.

Nós nunca vamos esquecer nossa cultura porque continuamos ensinando nossos filhos e netos na escola e no dia-a-dia. Nós temos nossa proposta curricular diferenciada, que já está sendo construída pelos próprios professores wajãpi para fortalecer a cultura wajãpi na escola. Mas também fora da escola nós ensinamos nossos conhecimentos para as crianças, através de nossa tradição oral, das caçadas e das caminhadas na mata... Nós queremos que os não-índios conheçam nossa cultura para respeitar nossos conhecimentos e nosso modo de vida. Se os não-índios não respeitam nossa cultura, até os nossos próprios jovens podem começar a desvalorizar nossos conhecimentos e modos de vida. Por isso, nós queremos apoio para continuar este trabalho de formação dos Wajãpi, e também de formação dos não-índios, para entender e respeitar os povos indígenas” (novembro 2003).

Se este movimento dos Wajãpi tem algo interessante a evidenciar no panorama das variadas experiências indígenas no Brasil, é porque revela que o interesse desses

¹ Como se explica neste artigo, os objetivos e resultados da pesquisa colaborativa *Saberes Wajãpi* foram amplamente discutidos em sucessivos encontros entre pesquisadores acadêmicos do NHII-USP, educadores do Iepé, representantes do Conselho das Aldeias Wajãpi / Apina e os 20 jovens pesquisadores em formação (ver adiante, Metodologia). Mas, considerando as dificuldades próprias a esses jovens, na redação de textos longos em linguagem técnica, tanto os relatórios submetidos ao LASA como este artigo foram redigidos pela equipe acadêmica. Seu conteúdo está baseado nas avaliações orais e em alguns textos elaborados coletivamente pelos pesquisadores wajãpi, entre eles os que citamos com destaque, no corpo do artigo.

como todos os grupos indígenas brasileiros, passaram a incorporar no final da década de 1990. O Conselho das Aldeias / Apina foi criado em 1994 e tem se consolidado progressivamente, não apenas como instância de representação “para fora”, mas como um espaço para experimentar novas formas de tomada de decisões coletivas, em torno dos problemas que afetam “o conjunto”, ou o “coletivo” das 48 aldeias desse grupo, que inclusive valoriza muito suas diferenças internas.

Wajãpi não é tudo igual, não. Cada um tem seu jeito, porque Wajãpi mora cada um na sua aldeia. Os Wajãpi moram todos separados. Os Wajãpi moram cada um na sua região. Antigamente, a origem dos Wajãpi é assim mesmo, todos separados.

Nós, Wajãpi, não moramos juntos, senão vai diminuir a caça, os peixes, o lugar para fazer roça e lugar para caçar. Por isso nós mudamos de lugar para morar onde tem mais caça e peixes e recursos naturais. Nas aldeias novas tem muita palha ou o lugar de onde tiramos palha fica mais perto de casa. E também as plantas crescem bem nas aldeias novas (Marãte, Patire, Kari e Jawapuku – julho 2006).

A idéia de “cultura” é mais uma entre as muitas noções exógenas – como as de “terra”, de “recursos naturais”, de “organização indígena”, etc. – apropriada pelos Wajãpi ao longo dos últimos 30 anos e que hoje alimentam seu movimento de fortalecimento político, enquanto povo indígena diferenciado. Assim, esta experiência wajãpi confirma que a produção de “objetos culturais” é indissociável da produção de “sujeitos sociais”. O atual contexto de valorização dos saberes e práticas tradicionais está configurando novos sujeitos – entre eles, os membros da diretoria do Conselho / Apina e os membros da “turma de pesquisadores wajãpi”. Ao mesmo tempo, novas práticas – como a pesquisa e o registro por escrito de tradições antes transmitidas oralmente – estão fazendo re-emergir sujeitos tradicionais, como são os *jovijãgwerã*, os homens e mulheres que os jovens estão aprendendo a respeitar enquanto “sábios” de suas aldeias. Toda essa rede de relações, entre este grupo indígena e seus vizinhos não-indígenas, como entre os diferentes grupos locais e gerações wajãpi, apresenta uma complexidade que não pode ser abordada a partir de uma simples oposição entre o “tradicional” e o “novo”. O que é certo, no entanto, é que o programa de formação de pesquisadores wajãpi de que trata este artigo, é ressentido orgulhosamente como um novo elo entre jovens e velhos, entre passado e futuro.

2. A iniciativa do projeto e seus antecedentes

A decisão de apresentar uma proposta à chamada *Outras Américas / Outros Conhecimentos* foi tomada em maio de 2006, por antropólogos e lingüistas vinculados ao Núcleo de História Indígena e do Indigenismo / NHII da Universidade de São Paulo / USP e ao Programa Wajãpi / PW, desenvolvido em parceria pela ONG Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena / Iepé e pelo Conselho das Aldeias Wajãpi / Apina. Na ocasião, os pesquisadores do NHII-USP discutiram as dificuldades encontradas para dar prosseguimento às ações já em curso para a formação de professores bilíngües e de jovens pesquisadores Wajãpi, visando a realização de um inventário das tradições orais e gráficas dessa comunidade.

Em 1996 (quando terminou a demarcação da Terra Indígena Wajãpi) os chefes começaram a ficar preocupados com os nossos conhecimentos e práticas culturais porque os jovens estavam se interessando muito pelos conhecimentos e jeito de viver dos não-índios. Os chefes pensaram que precisava um trabalho para o fortalecimento cultural dos Wajãpi. Os chefes pediram apoio para o Iepé, e juntos tiveram a idéia de fazer formação de pesquisadores Wajãpi. Em 2004, os chefes escolheram 20 jovens de 11 aldeias para participarem do 1º encontro de pesquisadores Wajãpi, que aconteceu em janeiro de 2005 quando fizemos também pela primeira vez pesquisas de campo. Em 2005 também teve a 1º oficina de pesquisadores e o 1º curso de formação básica. (coletivo, novembro 2007).



Encontro para discussão de problemáticas diversas, incluindo as relacionadas ao programa de valorização cultural, reunindo pesquisadores e membros da aldeia Pijowi (2006).

Em 2006, os Wajãpi estavam preocupados com a iminente interrupção das atividades de formação dos jovens para a realização do inventário de suas tradições, por falta de apoio e recursos. Em sucessivas reuniões, a coordenadora do NHII-USP, Dominique T. Gallois, a coordenadora do PW/Iepé, Lúcia Szmrecsányi e os professores e pesquisadores wajãpi haviam debatido os seguintes desafios, que justificaram o encaminhamento da proposta à chamada do LASA:

1. Como aperfeiçoar a formação de jovens pesquisadores wajãpi, para que eles possam se responsabilizar pela realização de inventários mais completos acerca de seus conhecimentos e práticas culturais e por atividades de gestão cultural?
2. Necessidade de uma sistematização dos registros já realizados (transcrição, digitalização, reprodução, etc) e preparação de relatórios e textos para serem distribuídos a todos os Wajãpi engajados no programa (10 professores bilíngües, 20 professores em formação, 20 jovens pesquisadores em formação, cerca de 50 alunos mais adiantados nas escolas das aldeias).
3. Necessidade de uma avaliação do conjunto dos registros etnográficos já produzidos e dos trabalhos em andamento sob responsabilidade dos 20 jovens pesquisadores wajãpi.
4. Estabelecer uma pauta de encontros para discutir como adequar os resultados das pesquisas para sua utilização nas 28 escolas atualmente existentes na área Wajãpi. Como consolidar, através de materiais didáticos e de materiais de leitura, o interesse das crianças pelos conhecimentos tradicionais?
5. Como difundir os resultados das pesquisas realizadas pelos Wajãpi, ressaltando-se sua originalidade e resguardando seus interesses e seus direitos?

A decisão de encaminhar um projeto de colaboração entre pesquisadores acadêmicos e pesquisadores da comunidade wajãpi foi, portanto, tomada não somente para dar continuidade ao programa de formação já existente, como para ampliar significativamente a discussão de questões relacionadas ao estudo das manifestações culturais dos Wajãpi e, sobretudo relacionadas às transformações das formas de transmissão de conhecimentos. Durante muito tempo, essas questões só eram conversadas de forma isolada, pelos pesquisadores do NHII-USP que visitavam as aldeias wajãpi. Mas nos últimos 5 anos, diante do interesse dos jovens Wajãpi em formação (professores bilíngües, agentes indígenas de saúde, alunos mais adiantados das escolas, etc) em entender melhor os procedimentos, conteúdos e usos das pesquisas realizadas pelos acadêmicos, culminando no seu pedido de serem também formados como “pesquisadores”. Um programa específico foi então criado pelo PW/Iepé, com a colaboração do NHII-USP, iniciando em janeiro de 2005. Mas as idéias e objetivos inseridos neste projeto já vinham sendo discutidos há mais tempo,

quando sugeríamos aos jovens “letrados” das comunidades wajãpi maior protagonismo e responsabilidade no dialogo com pesquisadores acadêmicos. Entender os fundamentos e objetivos das pesquisas realizadas em suas aldeias seria indispensável para que possam aprender a controlar e julgar seus resultados. Desde 1998, Dominique T. Gallois e, depois, outros assessores do PW/Iepé, ofereceram cursos de formação aos professores bilíngües em que se abordavam problemáticas relacionadas ao conhecimento. Nesses cursos, discutia-se, por exemplo, como tratar de forma comparativa dos “conhecimentos dos brancos sobre os índios” e dos “conhecimentos dos índios que os brancos não conhecem”, evidenciando assim o caráter contextual e seletivo da transmissão de conhecimentos. Tratava-se também de promover a reflexão crítica dos professores bilíngües a respeito da relação entre diversos agentes e seus respectivos interesses, resultando em conhecimentos muito variados ou mesmo contraditórios a respeito da vida ou das formas de pensamento do grupo Wajãpi. Assessores de outros módulos do curso de formação – especialmente nas aulas de português e de lingüística – também iniciaram a discussão de aspectos formais da transmissão de conhecimentos, distinguindo formas orais e escritas. Todas essas aproximações, no entanto, não seriam suficientes para atender a curiosidade dos professores indígenas em relação à “pesquisa antropológica” e à diferença de postura de um antropólogo em relação não apenas a um lingüista ou um biólogo, mas em relação a um turista, um missionário, um funcionário de órgão governamental, etc. Se os mais velhos nunca solicitaram uma explicação formal sobre essas diferenças – que eles construíam a partir de sua experiência de diálogo de cada um – coube aos jovens letrados formular sua demanda de capacitação, de forma objetiva e funcional: “queremos aprender a ser pesquisadores”.

Não sabíamos o que era pesquisa, a gente pensava que sabia tudo dos conhecimentos wajãpi. Depois que aprendemos a pesquisar, percebemos que a gente não sabia tudo. Daí nós ficamos preocupados com nosso conhecimento tradicional. Por isso falamos com o Iepé para formar novos pesquisadores wajãpi (Aikyry e Jawapuku – 2007).

Outro antecedente importante na construção desse programa de formação de pesquisadores foi a Candidatura que os Wajãpi, através do Apina, submeteram à UNESCO, em 2003. O impacto positivo dessa seleção, que animou tanto os chefes mais idosos como os jovens líderes do Apina e os professores bilíngües, é que viabilizou a discussão e, sobretudo, a implantação concreta, de um Plano de Ação focado na valorização interna das formas de transmissão oral. Mas considerando a complexidade de um trabalho desse tipo e para evitar equívocos freqüentes em ações

de promoção cultural – especialmente quando configuradas como ações voltadas ao "resgate" (de supostos conteúdos culturais) ou à "visibilidade" (da cultura como espetáculo) – optou-se por um programa de longo prazo, que poderia ser desenvolvido com apoio sucessivo de diversas instituições e projetos. Avaliou-se que a "formação" em pesquisa de um pequeno número de jovens adultos Wajãpi seria uma alternativa adequada, considerando especialmente que os professores bilíngües e os jovens selecionados como "pesquisadores das aldeias" não são (ainda) detentores nem transmissores competentes dos conhecimentos de seu grupo.

Antigamente, nosso povo wajãpi vivia sossegado com seus conhecimentos tradicionais nas nossas terras. Ficávamos só preocupados em fazer transmissão oral dentro das nossas comunidades. Atualmente, estamos preocupados com esses conhecimentos, pois sabemos que muitos povos indígenas perderam seus conhecimentos tradicionais, os velhos estão preocupados, porque os conhecimentos dos não-índios estão entrando e interferindo nos nossos.

A gente não sabia se vinha conhecimento dentro daquele material industrializado, machado, arma de fogo. Além disso, vem conhecimento, que não dá para perceber, porque é invisível. Não dá para perceber porque era tudo fácil, o que vinha de fora.

Alguns Wajãpi pensam que o pensamento dos não indígenas é melhor dos que os Wajãpi, querem deixar de ser Wajãpi. Muitos jovens, muitos adultos, pensam assim. Eles pensam que antes do contato com a sociedade envolvente, tudo era ruim. Dizem que matar caçar com a flecha era difícil, cortar a carne com dente de cotia era difícil. Matar caça com espingarda fica fácil, cortar carne com faca.

Tudo isso muda o jeito dos Wajãpi, mas dá para recuperar. Nós, professores e pesquisadores, ficamos preocupados, como nós nos defenderemos desses conhecimentos que estão interferindo? (Aikyry, 2006).

Nesse contexto, a equipe acadêmica considerou que sua colaboração poderia ser a de promover entre os Wajãpi uma reflexão crítica sobre a produção e transmissão de conhecimentos, em sentido amplo, e com ênfase na comparação de diversas formas e contextos de transmissão.

3. Objetivos específicos e procedimentos metodológicos

A meta global do projeto foi a de valorizar a produção etnográfica elaborada por jovens pesquisadores wajãpi, através de atividades de formação, sistematização de acervos e

de difusão, contando com a colaboração de pesquisadores do NHH-USP e educadores do lepé.

Considerando os antecedentes da formação de pesquisadores wajãpi – iniciada em 2005 – e considerando as demandas apresentadas pelos líderes do Apina e pelos próprios pesquisadores em formação, propusemos consolidar o programa em andamento, com o objetivo de valorizar o trabalho e o inventário que os jovens wajãpi estavam iniciando.

Para alcançar essa meta geral, o projeto se deu como objetivos:

1. promover a discussão do programa de formação de pesquisadores, para avaliar os resultados obtidos até o momento, as dificuldades e soluções encontradas e planejar sua continuidade nos próximos 5 anos;
2. organizar os registros etnográficos produzidos pelos professores e pesquisadores wajãpi, em formatos adequados à sua distribuição nas aldeias;
3. discutir e selecionar conteúdos e formatos para a difusão externa dos conhecimentos e práticas tradicionais dos Wajãpi;
4. realizar um balanço dos registros e analisar desse inventário de conhecimentos e práticas culturais;
5. elaborar uma proposta concreta para a continuidade da formação dos pesquisadores wajãpi nos próximos 5 anos.

Como indicamos nos informes enviados ao LASA, houve um atraso no cronograma de algumas atividades. Assim, a formulação participativa de uma nova proposta teórico-metodológica (denominada, no Brasil, "*proposta político-pedagógica*") para a continuidade da formação de pesquisadores indígenas não foi concluída, como se esperava. Não foram os objetivos do projeto que mudaram, mas seus prazos de execução. A finalização dessa proposta levará mais tempo do que previsto, considerando a necessidade de revisão pelos participantes indígenas, que devem só devem estar reunidos novamente em julho de 2008.

O desenvolvimento do projeto envolveu técnicas e métodos muito distintos, que procuramos adequar aos diferentes momentos de produção, elaboração e avaliação dos resultados. A metodologia também variou conforme os participantes, ou seja, nem sempre a metodologia usada pelos pesquisadores wajãpi era comparável com os procedimentos utilizados pela equipe acadêmica. Diante dessa complexidade, optamos por descrever os procedimentos utilizados neste projeto em acordo com as etapas de construção dos conhecimentos:

Produção (levantamentos, pesquisas e registros de saberes locais)

a) produção de conhecimentos sob responsabilidade dos pesquisadores wajãpi:

- seleção de temas para pesquisas individuais, elaboração de roteiros de pesquisa, seleção de pessoas a serem entrevistadas em diferentes aldeias;
- realização de registros etnográficos (inclui entrevistas, produção de ilustrações, elaboração de textos na própria língua) - sob responsabilidade dos professores e pesquisadores Wajãpi;

b) colaboração da equipe acadêmica

- preparação e realização de duas oficinas de formação em pesquisa, durante as quais pesquisadores do NHII-USP discutiram com os participantes indígenas métodos de registro, de análise e de descrição de práticas culturais e de conhecimentos veiculados oralmente;
- realização de 4 etapas de acompanhamento dos pesquisadores, com visitas em suas aldeias, para ajudá-los a solucionar dificuldades encontradas na realização dos registros, organização de reuniões com a comunidade para discutir e avaliar resultados do trabalho, planejamento da continuidade dos registros etc;
- reuniões de membros da equipe do NHII-USP, do Iepé e do Apina para planejamento e avaliação das atividades;

Elaboração (organização e sistematização dos registros)

a) Elaboração de resultados pelos pesquisadores wajãpi

- organização dos registros de pesquisa individual na forma de textos, escritos na língua wajãpi;
- realização de uma pesquisa coletiva (um mesmo tema para toda a turma de pesquisadores) sobre aspectos da organização social (*jane reko mokasia*); elaboração de ilustrações, registro fotográfico, textos na língua wajãpi
- idealização de uma exposição sobre a temática da organização social, com produção do roteiro da mostra, textos, legendas e ilustrações.

b) Colaboração da equipe acadêmica neste processo de elaboração de resultados

- transcrição desses registros (e dos já acumulados nos últimos dois anos), organização do conjunto dos textos em arquivos digitais, organização de cadernos de textos e reprodução para distribuição nas aldeias;
- digitalização de imagens (desenhos, mapas) e preparação de cds para distribuição nas aldeias;

- organização de material sonoro, reprodução e digitalização de parte dos registros em áudio para produção de cds destinados às aldeias.
- contatos com o Museu do Índio / FUNAI, para obtenção de apoio na montagem da exposição (a ser instalada em dezembro de 2007 na cidade de Macapá).

Avaliação (balanço, avaliação e planejamento para a continuidade)

a) Avaliações realizadas pelos Wajãpi

- participação em reuniões/oficinas na área indígena para elaboração de instrumentos metodológicos para continuidade e ampliação do inventário de saberes;
- avaliação, complementação e revisão dos documentos pelos participantes Wajãpi (pesquisadores, estudantes e lideranças de várias aldeias);
- participação de toda a equipe em reuniões/oficinas na área indígena para discussão dos materiais produzidos, dos formatos de sua sistematização e indexação, etc.

b) Procedimentos da avaliação realizada pela equipe acadêmica

- análise de todo o material produzido e reunido no processo, complementação e comparação com outras experiências de formação indígena, para produção de relatórios, informes e documentos de difusão, etc (ver adiante, 8. Documentos consultados).

4. Desafios metodológicos, para uma política de pesquisa voltada à transformação social

1º Desafio: capacitação técnica ou engajamento comunitário?

Essas ações de valorização de saberes e de práticas culturais tradicionais se apóiam, necessariamente, na escrita e em outras técnicas de registro. Engajam novos agentes de transmissão, como os indivíduos mais jovens das próprias comunidades, interessados no domínio dessas novas tecnologias. Como foi comentado acima, o trabalho abarca tanto aspectos “novos” quanto “tradicionais”. E as pesquisas, como desejam os Wajãpi, não são apenas um receptáculo para saberes do passado, mas como um espaço para a interação e o diálogo entre gerações e entre índios e não-índios.

A pesquisa é muito importante para nós. É importante porque queremos fortalecer a nossa história e a história dos nossos antigos. Também para ensinar e transmitir o conhecimento para nossos filhos e netos no futuro. A pesquisa serve para produzir materiais didáticos para a escola e livros de leitura para as aldeias. A pesquisa ajuda a organizar o conhecimento e também

a comparar o jeito de viver entre os Wajãpi e outros grupos étnicos. Serve também para explicar bem para os não-índios que trabalham com os Wajãpi, para diminuir o preconceito e para defender os interesses dos Wajãpi. A pesquisa serve para ajudar na política (coletivo, novembro 2007).

Se a capacitação é sem dúvida indispensável para que membros de uma comunidade façam registros de seu patrimônio imaterial, essa formação precisa se adequar às demandas locais, que podem estar voltadas para as mais diferentes ou surpreendentes mediações. Tal adequação depende de estratégias mais políticas do que técnicas, fazendo com que a adesão inicial possa se converter num engajamento duradouro da comunidade – ou de boa parte dos seus membros – na implementação de todas as etapas do processo de registro e de valorização.

Os 20 pesquisadores são de 10 aldeias diferentes mas fizeram pesquisa em 30 aldeias. Mais ou menos 60 jovijãgwerã (velhos sabidos) participam do trabalho. Tem 10 professores Wajãpi que ajudaram no começo da formação em pesquisa (idem).

A participação da comunidade não se limita, portanto, a aprender novas técnicas de documentação. Trata-se de um investimento que mobiliza todos os aspectos de uma cultura, desde os modos de percepção, interpretação, construção e uso. Pois o registro não é uma ação isolada, nem suficiente e seus procedimentos devem ser constantemente negociados para atender demandas renovadas que surgem ao longo das sucessivas etapas de um plano de salvaguarda. Um processo sempre muito demorado, além de complexo, em função das tensões políticas que podem surgir, tanto no seio de uma comunidade, como nas suas relações com a sociedade mais ampla.

Os chefes apóiam, mas tem algumas pessoas da comunidade que não entendem o trabalho dos pesquisadores. Acham que as pesquisas não servem para nada porque não ganha salário (idem).

2º Desafio: a documentação de tradições, um meio ou um fim?

As ações de documentação de tradições culturais ocupam um lugar predominante nos programas de salvaguarda. Mas levantam uma série de questionamentos. No caso do patrimônio imaterial, qual a função da documentação? É um fim, ou é um meio?

Como alertava Jack Goody “toda alteração no sistema de comunicação humana tem necessariamente repercussões no conteúdo transmitido”. Mesmo antes de ser

difundido, o próprio registro, a inscrição de uma tradição em uma nova mídia, fora do seu contexto de uso, trará alterações significativas. É indispensável levar em conta as repercussões de que nos fala Goody, para controlar os procedimentos de registro e documentação e avaliar seus impactos na dinâmica própria da transmissão de saberes e práticas tradicionais. Os registros e sua inserção em inventários constituem de fato “memórias adicionais”, ou “artificiais”, que podem auxiliar aos propósitos de fortalecimento cultural de comunidades indígenas. Mas, sozinhos, não constituem uma salvaguarda do patrimônio imaterial.

A inscrição de uma tradição – seja em forma escrita ou em formato audiovisual – representa uma nova forma de comunicação, constituindo-se em mais uma “versão” da tradição que se está registrando. O que essa nova “versão” da tradição, devidamente descrita, documentada e aparentemente “salva” num inventário, apresenta como vantagens? Quais são os benefícios para uma comunidade engajada no inventário de suas próprias tradições?

Se admitirmos que nessas experiências, se deve registrar e documentar não só os “produtos acabados”, mas os jeitos de conhecer, os estilos próprios usados para explicar uma tradição, as formas de transmissão e validação desses saberes, os membros da comunidade que estiverem participando de um inventário estarão capacitados a refletir, de modo muito mais eficaz, sobre os mecanismos de produção e transformação do saber. E, por conseguinte, se sentirão habilitados a efetuar comparações, no tempo e no espaço, avaliando com maior propriedade as ameaças a que seus saberes e práticas culturais estão submetidas.

Durante as oficinas nós fazemos pesquisas coletivas, como sobre a organização social Wajãpi (Jane reko mokasia). Nas oficinas fazemos atividades para aprender a sistematizar os conhecimentos, a fazer explicações detalhadas e gerais, aprendemos a fazer interpretações e reflexões e a fazer aparecer a teoria. Nas oficinas nós também aprendemos a fazer tradução. Nós aprendemos que não podemos traduzir uma palavra de uma língua por outra de outra língua, porque por trás das palavras existem idéias diferentes. Aprendemos que para traduzir a lógica wajãpi para os não-índios, precisamos fazer explicações bem detalhadas (idem).

5. Processo e desafios na construção de um saber “coletivo”



Jawapuku, pesquisador e presidente do Apina entrevista Ororiwo

Existe um saber “coletivo” dos Wajãpi, uma “cultura wajãpi”? Certamente não. Mas o fato é que hoje, ela está efetivamente sendo construída. Com todos os desafios que este processo de patrimonialização cultural necessariamente traz à tona.

Assim, no final dos anos 1990, uma experiência inicial realizada pelos professores bilíngües, que se interessaram em passar para a escrita algumas narrativas míticas, gerou tantas confusões, críticas e disputas de versões, que esses professores passaram a desenvolver reflexões instigantes a respeito da dificuldade de transposição e registro escrito. Desde então, tanto esses professores como os jovens que estão sendo formados desde 2005 procuram manter em seus registros não só as marcas autorais correntes na narração oral, como discutem cuidadosamente as variações, percebidas como valor, e não como problemas. Como dizem esses professores bilíngües, “*é difícil resumir a cultura wajãpi*”. Alguns deles, aliás, reafirmam que não existe. É o que pensam os mais velhos, que continuam contando aos jovens como os antepassados “roubaram” dos animais ou dos povos inimigos a maior parte dos elementos culturais de que fazem uso hoje. Itens culturais com algum valor sempre vieram de fora, como todos os padrões da arte gráfica *kusiwarã*. A escrita, hoje tão apreciada pelos jovens Wajãpi, é um desses bens culturais que desejam se apropriar. Por isso, metodologicamente, assumimos neste projeto e na formação de

jovens pesquisadores indígenas respeitar os professores bilíngües que afirmavam que “cultura Wajãpi mesmo, não existe”.

Outra novidade significativo deste processo, em relação ao contexto tradicional de transmissão, é que os registros produzidos pelos jovens wajãpi são disponibilizados não mais aos ouvintes de um círculo familiar, mas a todos os indivíduos dos diferentes grupos locais. Uma revolução, com certeza. Que tem impactos diversos sobre a construção de uma “cultura wajãpi”. Ao propiciar a disseminação de versões distintas, possibilita-se a comparação entre elas, a troca de saberes. Essa valorização de variações internas dificulta muito o trabalho dos pesquisadores wajãpi, quando tentam sintetizar essas variantes. Em geral, estão muito conscientes de que esse tipo de “resumo” corre o risco de pasteurização de versões genéricas. Por isso, um dos procedimentos que adotamos é enfatizar que pesquisa não se limita à transcrição de narrativas, de cantos, de listas de plantas, mas inclui o registro das modalidades específicas de sua transmissão, especialmente do contexto em que são “ditos” ou praticados.

A contribuição de pesquisadores acadêmicos é essencial nesse processo, para auxiliar os jovens wajãpi a adotar procedimentos reflexivos na identificação de categorias e classificações nativas. E assim incluir nos textos resultantes das pesquisas individuais desses jovens não somente “objetos” da cultura, mas os conceitos que estão por trás e especialmente todas as classificações cosmológicas subjacentes que sustentam esses saberes e expressões culturais.

Por estas razões, um dos primeiros passos na formação dos pesquisadores wajãpi foi a discussão do conceito de cultura, debatendo a origem ocidental do conceito e avaliando porque ele é inexistente no sistema explicativo e na lógica dos Wajãpi. Na tentativa de construir sua própria definição para este conceito, os pesquisadores foram percebendo a necessidade de representar seus conhecimentos para fora, como também para eles mesmos. Mas sempre levando em conta as variações locais – no âmbito de tradições familiares – e as mudanças que estão percebendo nas práticas e formas de transmissão do conhecimento. Das manifestações mais visíveis e palpáveis de sua própria cultura, os pesquisadores foram sendo levados a prestar mais atenção às idéias que estão por trás de formas específicas de agir e se comportar. Ao invés de uma lista de objetos, festas, histórias etc., chegaram a uma definição de cultura como um conjunto de “jeitos” de fazer, de explicar, de pensar, dizer e representar. Essa discussão inicial foi fundamental para permitir que os pesquisadores se distanciassem

um pouco de seu próprio sistema de crenças e valores para tentar descrevê-lo e explicá-lo.

Desde a etapa de formulação dos temas até a sistematização dos resultados das pesquisas, uma das principais orientações dadas aos pesquisadores wajãpi tem sido a de tomarem o máximo cuidado para respeitar as categorias próprias do pensamento wajãpi, evitando recortar os saberes tradicionais para encaixá-los nos moldes das disciplinas acadêmicas convencionais. Na medida em que tais categorias são expressas em conceitos de sua própria língua, sem tradução exata no português ou em outras línguas de povos de tradição cultural diferente, o procedimento recomendado aos pesquisadores tem sido o de desenvolver todas as etapas das pesquisas em sua língua materna. Posteriormente, havendo interesse dos Wajãpi em divulgar os resultados deste trabalho para um público externo, será necessário um segundo trabalho, de transposição lingüística, no qual as categorias wajãpi poderão ser apresentadas a partir da explicação das teorias que as articulam, evidenciadas durante o desenvolvimento das pesquisas.

Outro procedimento metodológico importante recomendado aos pesquisadores em formação é relacionado à variação nas manifestações dos conhecimentos tradicionais por diferentes indivíduos ou grupos e à inexistência de um padrão único e/ou "mais verdadeiro" para tais saberes.

Cada wanã (grupo ou parentela local) tem seu jeito de cantar e jeito de fazer festas e tem seus conhecimentos do jeito de contar história para sua família e ensinar, tem seu jeito de fazer artesanato e de aconselhar sua comunidade. Cada wanã tem seus conhecimentos, suas histórias e festas. Cada wanã sabe do jeito dos seus antepassados. Cada wanã tem seu sotaque (Janaimã e Kupena – 2006).

Os pesquisadores wajãpi vêm sendo orientados a registrar cuidadosamente as diferentes versões dos conhecimentos que escolheram como tema, sem tentar sintetizá-las em uma única versão "geral", supostamente válida para todos os Wajãpi. Dessa forma, seu trabalho valoriza o caráter dinâmico e múltiplo que caracteriza a transmissão oral de conhecimentos. As generalizações resultantes da comparação das diversas versões registradas durante as pesquisas são buscadas em um nível mais abstrato, através da identificação de idéias e teorias subjacentes a todas elas. Nos cursos e oficinas, os pesquisadores são freqüentemente levados a refletir sobre as diferenças entre formas de transmissão "formais" e "informais" de conhecimentos.

Com o tempo, vai ficando cada vez mais claro para eles que as pesquisas e registros não podem e não devem substituir as formas tradicionais de ensinar e aprender, assim como a escola não pode e não deve ocupar o lugar da educação não formal.

Nós começamos só há dois anos, mas já temos alguns resultados: tem 20 pesquisas sendo feitas e muitas pesquisas coletivas. Nós já preparamos uma exposição sobre organização social, nós já preparamos livro de leitura na língua Wajãpi e outro em português, nós já participamos de seminários de pesquisadores indígenas.

Os chefes e a comunidade respeitam nosso trabalho porque estamos fortalecendo nosso conhecimento. Nosso jeito de trabalhar na pesquisa é diferente de aprender em casa. Porque nós estamos fazendo registro, sistematizamos conhecimentos, e fazemos explicações gerais sobre nossos conhecimentos. Para fazer boas pesquisas temos que conversar com muitos sabidos (jovijãgwerã kô) em diferentes aldeias (coletivo, novembro 2007).

Se o “inventário” dos saberes imateriais wajãpi vai demorar a ser concluído, e se este processo não resultar em produtos tão acabados como se costuma exigir de programas de “salvaguarda”, é certo que a reflexão de jovens e velhos wajãpi sobre todo esse percurso de sua “cultura” terá valido a pena.



Antes a comunidade pensava que a cultura dos não índios vale mais que a cultura dos Wajãpi. Nós pesquisadores percebemos que nossos conhecimentos são muito valiosos. Por isso, os chefes junto com os pesquisadores encontraram um jeito de explicar os conhecimentos para a comunidade. Agora os pesquisadores preparam perguntas e os chefes respondem detalhadamente. Então, assim, as crianças se interessam para aprender (idem).

As atividades realizadas no âmbito dos últimos dois anos foram importantes para sistematizar algumas questões teóricas e metodológicas que deverão ser consolidadas. Entre elas, algumas assumem especial importância:

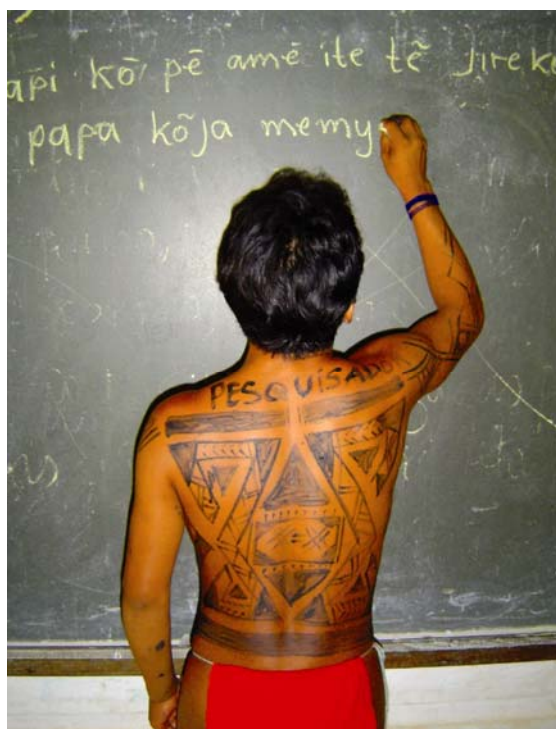
- a relação entre conhecimentos e práticas culturais;
- as especificidades das formas de transmissão de conhecimentos, sobretudo aquelas que diferenciam a oralidade da escrita;
- a relevância das versões e variantes do conhecimento no seio do mesmo grupo;
- a transformação dos conhecimentos no contexto de sua transmissão;
- as teorias que articulam e dão significado aos dados isolados.

Os Wajãpi desejam construir uma escola em que os “dois caminhos”, dos saberes wajãpi e dos não-índios, se complementem, apostando na comparação e mesmo na confrontação de sistemas de conhecimento, e não de elementos isolados destes sistemas. E, para chegar aos sistemas que articulam os conhecimentos tradicionais transmitidos pelos mais velhos, os professores precisam se basear em pesquisas aprofundadas e sistemáticas. Os resultados da sistematização dessas pesquisas ainda devem ser consolidados, mas está claro que não se tratará simplesmente de uma compilação de saberes “dos antigos”, nem sua mera transcrição, mas envolve uma reflexão atual sobre eles, para que os Wajãpi possam equacionar o que eles chamam dos “dois caminhos”.

6. Conhecimentos e saberes específicos resultantes do projeto

Como parte do processo de realização do inventário do patrimônio imaterial wajãpi, os jovens pesquisadores debatem os aspectos que consideram importantes e representativos do modo de pensar, fazer e viver dos Wajãpi. Por exemplo, interessados em estabelecer alguns contrapontos com os saberes dos brancos, os pesquisadores propuseram um investimento de pesquisa nos modos de conhecer próprios aos Wajãpi, que incluem: sonhar, “ter” pajé, ouvir, ler, prestar atenção aos sinais de bom ou mau augúrio (espirros, coceiras, etc). Em 2005, quando se realizou o primeiro encontro de pesquisadores wajãpi, com a presença de jovens e de lideranças, foi proposta uma pauta de temas prioritários para pesquisa, que incluía: “*resguardos, rezas de cura, de agressão e de prevenção, casamentos e poligamia, jeitos de responder ao sogro, jeito de conversar bonito, conhecimentos históricos, religiões, jeito de classificar plantas e animais, jeitos de fazer manejo, festas, teorias dos Wajãpi sobre o mundo*”.

Primeiro a gente escolhe tema de pesquisa, escolhemos assunto que é mais importante. Depois nós pensamos como fazer planejamento, depois nós explicamos o tema que nós escolhemos para os caciques e depois fazemos perguntas para eles contarem para nós, aí gravamos e anotamos. Depois nós transcrevemos, e organizamos e escrevemos textos (Kupenã, Kuripi, Saky e Japukuriwa).



Oficinas de formação em pesquisa. Aramirã. Terra Indígena Wajãpi.

Pesquisas relacionadas aos *Taivigwerã* (antepassados)

1. Jawapuku: *Tapererã rewarã* - Pesquisa as capoeiras antigas existentes na TIW, com o objetivo de descobrir como foi a história da ocupação desses locais pelos antepassados.
2. Kariki: *Pirawiri wanã kō*- Pesquisa a relação entre os grupos wajãpi conhecidos como Kumakary e Pirawiri wanã kō, o encontro entre o grupo do Kumakary e Pinawiri, ocorrido no passado, e as trocas que esses grupos costumavam fazer entre si.
3. Japu: *Yvy popy* - Pesquisa as histórias dos Wajãpi sobre a "borda da terra", os limites do mundo.
4. Jatuta: *Vyva, paira rewarã* - Pesquisa sobre a origem dos diferentes tipos de arcos e flechas conhecidos pelos Wajãpi e sobre as maneiras de fazê-los.

Pesquisas relacionadas a *jipoanõa* (tratamentos e cuidados)

5. Saky: *Marama rerōjiga* - Pesquisa diferentes tipos de rezas para curar picadas de cobra, dor de dente, dor de barriga, corte de machado, corte de terçado, picada de aranha, escorpião, tocandeira etc.
6. Pasiku: *Moã ka´a porã* - Pesquisa remédios do mato, quais são as plantas que servem para cada tipo de doença, como se prepara e como se usam esses remédios.
7. Sava: *Ka´a jarã pe´a* - Pesquisa rezas que servem para proteger as pessoas dos donos da floresta, como a onça, e do dono da água (a sucuriju).

Pesquisas relacionadas a *jikoakua* (resguardos)

8. Jawaruwa: *Tanōgarerã* - Pesquisa os resguardos e outras atividades envolvidas na iniciação dos rapazes praticada no passado pelos Wajãpi, assim como os objetivos dessa prática.
9. Marawa: *Jimony´arã* - Pesquisa os cuidados envolvidos na transformação das meninas em moças, especialmente os resguardos praticados durante a primeira menstruação da mulher.
10. Kuripi: *Moju rewarã* - Pesquisa os cuidados e resguardos relacionados ao dono dos rios (sucuriju).
11. Janaimã: *Janypa kusiwarã* - Pesquisa os padrões de pintura corporal.

Pesquisas relacionadas a *jikuapa* (sinais)

12. Patire: *Moroparã rewarã akaja* - Pesquisa os sinais pelos quais os antepassados sabiam que seus parentes deveriam chegar em suas aldeias, os sinais que enviavam para se comunicar com os parentes, para avisar de sua chegada (canto dos tucanos, vôo de insetos etc.).

13. Serete: *Jimõsimoa* - Pesquisa um tipo de cura feita com vapor, juntando-se vários tipos de remédio e uma pedra quente dentro de uma panela com água fria. O mesmo processo é usado para vingar a morte de um parente provocada por outra pessoa.

Pesquisas relacionadas a *temitãqwerã* (as plantas da roça)

14. Rosenã: *Temitãqwerã rao apisa* - Pesquisa os venenos que os Wajãpi usavam antigamente para controlar as pragas nas roças, que não traziam perigo para a saúde das pessoas.
15. Japukuriwa: *Mani'y rerã kō* - Pesquisa os diferentes nomes e tipos de mandioca e o jeito de plantar cada tipo.
16. Anã: *Pajawaru* - Pesquisa as formas de preparar (diferentes receitas) e as regras para consumir esse tipo de caxiri e comparar com outros tipos.
17. Nazaré: *Mynyju rewarã* - Pesquisa os vários tipos de algodão usados pelos wajãpi, sua origem e seus usos.
18. Marãte: *Mijarã posã rewarã* - Pesquisa "remédios de caça": quais são os ingredientes usados, como são aplicados os remédios, para que serve cada um etc.

Pesquisas relacionadas a *yvyrarewarã* (conhecimentos sobre as árvores)

19. Kupena: *Yvyra rewarã* - Pesquisa o conhecimento dos wajãpi sobre árvores da floresta – árvores altas e baixas, árvores mais duras, árvores com frutas comestíveis e não comestíveis etc.
20. Kari: *Oka rewarã* - Pesquisa a construção da casa wajãpi, quais são os vários tipos de madeira utilizados.

7. Utilização e difusão dos resultados das pesquisas realizadas pelos jovens wajãpi

Todos os participantes do projeto, Wajãpi, assessores do lepé e equipe acadêmica, têm clareza das dificuldades de sistematizar conhecimentos tradicionais para finalidades não-tradicionais. Por isso, as oficinas, os registros produzidos por cada pesquisador são discutidos, complementados e organizados. Juntos, decidem como sistematizar os registros e como utilizá-los, dentro e fora das aldeias, pensando no que se pode ou não se pode fazer com essas informações.

Para que serve fazer pesquisa? A pesquisa do modo de vida dos Wajãpi serve para aconselhar os não-índios que não conhecem bem a cultura dos Wajãpi. A pesquisa serve para as futuras gerações wajãpi, para não perderem o nosso conhecimento. Porque os únicos que sabem explicar muito, contar e fazer festa são os mais velhos. A nossa pesquisa vai ajudar muito o Conselho das Aldeias Wajãpi na política.

Também serve para a escola wajãpi e também para a escola não-indígena. Pesquisa serve para diminuir os preconceitos dos karai kô (não-índios). Pesquisa serve para outras etnias que perderam sua cultura, para explicar muito sobre os Wajãpi (Jawaruwa, Kari, Marawa, Jatuta, 2006).

Mas os pesquisadores sabem que não são “especialistas” nem dominam completamente os assuntos que estão pesquisando e que, por este motivo, devem manter com os mais velhos um diálogo aprofundado e extenso. Vejamos o que eles dizem a respeito desse aprendizado.

Eu pesquisei os nomes das árvores, porque eu não sabia muita coisa antes de descobrir pela pesquisa, fazendo entrevistas, anotações. E isso eu descobri com os velhos que contaram para mim. Eu não sabia fazer anotação, organizar, fazer tabela, mas depois eu aprendi. A gente não aprende as coisas logo na primeira vez. O acompanhamento da minha pesquisa na aldeia me ajudou a organizar a pesquisa, me ensinou a escrever sobre a pesquisa. Eu também aprendi a fazer comparação entre o que anotei quando entrevistei diferentes jovijã kô, nossos chefes, os mais velhos, e vou continuar até terminar... Para contar para os meus filhos no futuro para eles aprenderem também. Quando eu for velho, aí eu vou contar para eles. Se eu não conheço, como meus filhos e netos vão conhecer as árvores? – Kupena.

Quando eu não fazia pesquisa eu não sabia o que nossos avôs tinham visto no caminho que tomaram rumo à borda da terra. Eu também não sabia as coisas diferentes que os outros chefes contaram. Agora eu consegui aprender quando fui conversar com eles – Japu.

Antes eu não sabia muitas coisas que então eu descobri na minha pesquisa sobre remédios de caça. Eu fui entrevistar os velhos. Anotei muitas coisas no caderno e fiz tabela para organizar a minha pesquisa. Eu fui até outras aldeias para entrevistar outros jovijãgwerã kô – Marãte.

Meu primeiro tema de pesquisa foi sobre iniciação dos rapazes tanõgarerã. Eu terminei essa primeira pesquisa, embora falte descobrir mais coisas e entrevistar mais os velhos. Essa pesquisa foi muito importante para mim porque hoje em dia nós não fazemos esse tipo de iniciação. Agora eu escolhi outro tema: a festa de Jõwaronã, que é também muito importante pra mim. Eu não sabia de nada sobre essa festa, mas agora estou começando a aprender os cantos e consegui cantar um pouquinho. Vou conseguir aprender todos os cantos. Mas até agora eu nunca vi nem participei dessa festa – Jawaruwa.

A minha pesquisa é sobre um tipo de kasiri, o pajawaru. Antes eu não sabia que existia esse tipo de caxiri. Eu descobri muitas coisas fazendo a pesquisa. O que se faz antes de preparar, onde se prepara esse tipo de kasiri, eu também aprendi a preparar o

pajawaru. As senhoras gostaram muito de me explicar sobre pajawaru – Ana.

Minha pesquisa é sobre o jeito de fazer sinal. Antes, eu não sabia nada sobre isso, hoje eu sei um pouco. Por isso quero continuar, para entender o conhecimento dos velhos. Eles não viver mais 20 ou 30 anos e quero aproveitar para entrevistar os chefes sábios. Essa minha pesquisa é muito importante para fortalecer a nossa cultura dos Wajãpi – Patire.

As rezas de cura que eu pesquiso, são importantes para nós, por isso gostei muito da minha pesquisa. É bom conseguir aprender enquanto os velhos estão vivos. Ainda vou continuar pesquisando, porque ainda não terminei de conversar. Quando terminar de pesquisa esse tema eu vou achar outro tema para pesquisar de novo. No futuro eu vou fazer muitas listas sobre a minha pesquisa – Sava.

Um resultado importante do diálogo que os pesquisadores wajãpi estabeleceram com os adultos mais velhos em função de suas pesquisas tem sido o aprimoramento de seu próprio manejo das formas de expressão tradicional. Essa aproximação contribui para superar a tensão entre as gerações e proporciona aos jovens maior consciência dos limites da transmissão de conhecimentos em forma escrita. Mais críticos, habilitam-se progressivamente a assumir o papel de mediadores, capazes de explicar para sua comunidade e para outros públicos a diferença entre modos de pensar, de se expressar e de organizar o conhecimento.



Os chefes Matapi e Waiwai, os maiores incentivadores do Programa de Formação de Pesquisadores Wajãpi – julho 2006

Por isso que como nós Wajãpi estamos respeitando a nossa regra. Se nós não respeita nossa regra aí vai aparecer muita doença para a gente. Também hoje em dia como nós wajãpi não respeitamos nossa regra. Por isso estou pesquisando essa regra para fortalecer o conhecimento que passa de geração em geração. Porque também os não-índios não respeitam a nossa cultura. Para isso estou pesquisando, porque a minha pesquisa vai ser como livro. Aí nós vamos distribuir para escola wajãpi e para os karai kô e também para técnica de enfermagem. Para depois não ter preconceito sobre nossa cultura (Kuripi, 2006).

Os Wajãpi que participaram, em junho de 2007, de um Seminário Nacional de Pesquisadores Indígenas, colaboraram com algumas propostas relativas à difusão dos resultados de suas pesquisas.

- *Os resultados das pesquisas devem ser colocados em prática;*
- *Existem várias maneiras de retornar os resultados das pesquisas para a comunidade (em forma de vídeos, CDs, textos, e outros);*
- *Não basta escrever, é preciso registrar na memória para dar continuidade à prática dos conhecimentos;*
- *É importante levar informações aos não-índios para evitar e superar preconceitos;*
- *É importante promover o intercâmbio de materiais pesquisados com outros povos para conhecer, refletir e ajudar os outros grupos indígenas na resolução de problemas e reforçar a identidade cultural.*

No momento, tanto os Wajãpi como os assessores do Iepé e NHII-USP continuam considerando como meta prioritária a valorização "interna" dos saberes tradicionais, por considerar que o processo de reflexão comunitária é indispensável para garantir a continuidade e o fortalecimento das iniciativas indígenas. Nesta etapa, efetivamente, é preciso consolidar a "passagem para a escrita", que se realiza essencialmente na língua wajãpi.

Mesmo assim, durante o projeto, foi realizado um esforço de transposição de saberes para um formato destinado ao público externo, num processo interessante, que partiu da discussão de preconceitos mais frequentes e seguiu pela construção de explicações que respondem à esses preconceitos.

Concretamente, no âmbito deste projeto específico, foram concluídos três tipos de produtos de difusão dos resultados:

1. Retorno dos textos de pesquisa para seus autores, na forma de cadernos (nas séries "Cadernos de Pesquisa" e "Textos de Pesquisa"), para distribuição nas aldeias. Esses textos são lidos pelos jovens e comentados aos mais velhos

para avaliação e complementação. São um instrumento importante para garantir o controle da comunidade sobre o trabalho dos pesquisadores e permitir novas versões que incorporem não apenas complementações, como revisões a partir da crítica dos leitores.

2. Dois livros de leitura, um em língua wajãpi e outro em língua portuguesa – que poderá ser traduzido em outras línguas – sobre aspectos da organização social. Ilustrado com fotos e desenhos realizados pelos pesquisadores e professores bilíngües. Uma versão mais sintética será difundida no site do Conselho das Aldeias – Apina, a partir de meados de 2008.

3. Uma exposição itinerante (14 banners) e um folder sobre o tema “*Jane reko mokasia*” (como fortalecemos nossa organização social) que será lançada em Macapá, em maio de 2008. A exposição deve depois circular em outras cidades do Amapá e do Brasil. Esses produtos foram finalizados e impressos com patrocínio complementar do IPHAN / Ministério da Cultura.

A próxima etapa, subsidiada pelos resultados deste projeto, será a inclusão dos resultados das pesquisas realizadas e sistematizadas pelos Wajãpi no âmbito das escolas. Para alcançar esta meta, um balanço comentado das pesquisas realizadas pelos Wajãpi embasará também a elaboração do “projeto político-pedagógico” para a continuidade da formação desses pesquisadores nos próximos 5 anos. Esse documento está sendo concluído e será discutido com pesquisadores, os professores e os dirigentes do Apina, por ocasião de um próximo encontro em julho de 2008, para ser disponibilizado no site do Apina, no site do Iepé e do NHII-USP. Também será disseminado para instituições engajadas na educação e valorização cultural indígena no Brasil e América do Sul, e especialmente para órgãos governamentais relacionados à questão indígena, ONGs e Universidades envolvidas em programas de capacitação indígena.

Essa inserção em novos contextos de transmissão de saberes – que articula públicos das aldeias e públicos das cidades – representa um conjunto de dificuldades que tem estimulado os professores bilíngües e os pesquisadores wajãpi a aprofundar seu domínio de saberes locais, que eles agora aprenderam a identificar como o “patrimônio cultural” dos Wajãpi.

O principal desafio para o futuro sendo o de tratar o conhecimento tradicional na escola sem empobrecê-lo e sabendo estabelecer relações pertinentes com os saberes escolares dos não-índios. Por isso, é necessário apostar em longo prazo e na contínua mobilização desse grupo de pesquisadores e de todas as aldeias wajãpi em torno de ações que valorizem tanto as formas de transmissão oral, como os conhecimentos

relacionados ao manejo de recursos naturais, à saúde, à história das aldeias, à cosmologia, aos rituais, à música, à pintura corporal, etc.

Por este motivo, também é indispensável dar continuidade à formação dos pesquisadores Wajãpi, nesse mesmo formato experimentado nas atividades do projeto Saberes Wajãpi (colaboração dos professores bilíngües, dos educadores do Iepé e de pesquisadores do NHII-USP), mas que será guiada a partir do retorno crítico das comunidades locais – as 48 aldeias da Terra Indígena Wajãpi – sobre os produtos das pesquisas já concluídos e publicados.

Equipe: Apina / Iepé / NHII-USP

março 2008

8. Documentos consultados:

- Relatórios parciais encaminhados por Dominique Tilkin Gallois ao LASA em 2006 e 2007.
- Relatórios de acompanhamento dos pesquisadores em suas aldeias, produzidos por Eva Gutjahr e Joana Cabral de Oliveira, em 2006 e 2007.
- Relatórios das oficinas de formação em pesquisa elaborados por Dominique T. Gallois e Eva Gutjahr em 2006 e 2007.
- Textos coletivos elaborados pelos pesquisadores wajãpi em julho e novembro de 2006 e em novembro de 2007.
- Caderno de Pesquisa número 4 (com texto resumido e traduzido das pesquisas dos 20 participantes Wajãpi – cfr. lista acima, páginas 17 e 18)
- Textos elaborados pela equipe do Programa Wajãpi / Iepé e por pesquisadores do NHII/USP, a respeito do Programa de Formação de Pesquisadores Wajãpi. Em particular o texto de Lúcia Szmrecsányi no Documento Base do Seminário “Experiências Indígenas de pesquisa e registro de conhecimentos tradicionais”. Macapá, junho 2007. E o documento “*Saberes Wajãpi*” produzido pela equipe para subsidiar a participação de Luis Donisete Benzi Grupioni, Aikyry e Jawapuku Wajãpi no Seminário do LASA, Canadá, agosto 2007.